

A ESCRITA DO EU EM CORA CORALINA
THE WRITING OF THE SELF IN CORA CORALINA'S WORK

Ely da Paixão Casemiro Barreira¹

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: A obra de Cora Coralina é rica ao destacar a memória e a subjetividade. O objetivo desse artigo é fazer uma reflexão sobre a escrita do eu nos poemas autobiográficos da poetisa. Para isso, selecionamos como objeto de estudo os poemas *Minha Cidade*, *Minha Infância*, *Cora Coralina, quem é você?* e *Todas as Vidas*. O estudo é dividido em três seções: a primeira apresenta uma discussão sobre o diálogo entre o espaço e identidade no poema *Minha Cidade*. A segunda analisa a relação do eu com suas lembranças no poema *Minha Infância*. A última discorre sobre a escrita autobiográfica nos poemas *Cora Coralina, quem é você?* e *Todas as Vidas*. Como arcabouço teórico, utilizam-se os conceitos de *identidade* com Stuart Hall, *imagem – lembrança* com Eclea Bosi, *subjetividade* com Georg Hegel, *descentramento do sujeito* com Michel Pêcheux e *escrita autobiográfica* com Philippe Lejeune.

Palavras-chave: Escrita. Identidade. Subjetividade. Autobiografia

Abstract: The work of Cora Coralina is rich in highlighting memory and subjectivity. The purpose of this article is to reflect on the writing of the self in the poet's autobiographical poems. For this, we selected as object of study the poems *My City*, *My Childhood*, *Cora Coralina, who are you?* and *All Lives*. The study is divided into three sections: the first presents a discussion about the dialogue between space and identity in the poem *My City*. The second analyzes the relationship of the self with its memories in the poem *My Childhood*. The latter discusses autobiographical writing in the poems *Cora Coralina, who are you?* and *All Lives*. As a theoretical framework, the concepts are used of *identity* with Stuart Hall, *image-recollection* with Eclea Bosi, *subjectivity* with Georg Hegel, *decentration of the subject* with Michel Pêcheux and *autobiographical writing* with Philippe Lejeune.

Keywords: Writing. Identity. Subjectivity. Autobiography

Recebido em 12 de abril de 2018

Aceito em 18 de junho de 2018

Introdução

“Este nome não inventei”, argumenta Carlos Drummond ao apresentar Cora Coralina ao Brasil inteiro, pelo *Jornal Brasil*, no dia 27 de dezembro de 1980, portanto, há mais de três décadas. Drummond define Cora Coralina como uma mulher extraordinária, “um diamante goiano, cintilando na escuridão”. Cora Coralina é considerada por muitos críticos um verdadeiro símbolo de Goiás. É um dos maiores

¹ Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Tocantins, UFT, Campus de Porto Nacional. E-mail: ely-pcb@bol.com.br

talentos que possui o estado goiano. Suas obras apresentam uma linguagem fácil e harmoniosa, e ao mesmo tempo elegante.

O objetivo desse artigo é apresentar a representação do eu na escrita dos poemas de Cora Coralina. Um “eu” que está recheado de memórias e vivências na Cidade de Goiás. Assim, espaço e identidade dialogam-se nos versos líricos da poetisa goiana. A identificação da poetisa com os becos e vielas do lugar em que vive é uma maneira de superar os limites de seu tempo, com o qual a escritora lutara para dar voz a seus escritos.

Seu primeiro livro publicado foi *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, considerado um dos marcos recente da literatura brasileira. Embora escrevesse desde jovem, somente aos 76 anos publica seu primeiro livro, e a apresentação ao mercado nacional acontece por intermédio de Carlos Drummond de Andrade, por volta dos seus 90 anos de idade.

Com um estilo pessoal, sua maneira de escrever, cujo teor autobiográfico mescla ficção e realidade, sem comprometer sua escrita para uma descrição puramente historiográfica, revela a natureza dos conteúdos relatados de forma a insinuar mais do que descreve. Sua trajetória, ela ironicamente define como uma “meia confissão”.

Assim, é essa fala de “meia confissão” que iremos analisar a partir dos poemas *Minha Cidade*, *Minha Infância*, *Cora Coralina, quem é você?* e *Todas as Vidas*. São poemas que aparecem no livro *Cora Coralina, Melhores Poemas*, seleção de Darcy França Denófrío. É com base na análise desses poemas que destacaremos a representação do eu na escrita de Cora Coralina.

Minha Cidade: diálogo entre espaço e identidade

O tema identidade é algo que vem gerando cada vez mais debates na atualidade. O conhecer-se a si mesmo, o diferenciar-se do outro e o identificar-se com o outro são elementos que fazem parte das inquietações, mesmo que por vezes inconscientes, dos sujeitos na pós-modernidade. Segundo Hall (2002), a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. Nasce assim, o sujeito sociológico, ou seja, há uma concepção interativa da identidade a partir da relação do eu, mundo interior, com a sociedade, mundo exterior.

Essa relação entre o mundo interior e o mundo exterior é marcante no poema *Minha Cidade*, publicado no primeiro livro de Cora Coralina: *Poemas dos becos de*

Goiás e estórias mais (1965). Destacam-se na leitura desse poema as perguntas: quem sou? De onde sou? Há uma relação dialógica entre o eu e o espaço em que esse “eu” se encontra.

A partir dessa relação, a poética de Cora Coralina se apresenta como uma fonte discursiva bastante ampla para a discussão da identidade. Muitos de seus poemas, confessadamente autobiográficos, têm como temática principal a relação entre as construções subjetivas e a Cidade de Goiás, antiga Villa Boa de Goyaz, capital do estado de Goiás até meados do século XX.

O poema *Minha Cidade* apresenta sete estrofes. Com relação à temática, este representa a fusão entre o eu poético e o lugar, ou seja, sujeito e cidade se misturam e se consolidam como uma relação identitária na poética de Cora Coralina:

Goiás, minha cidade...
Eu sou aquela amorosa
de tuas ruas estreitas,
curtas,
 indecisas,
 entrando,
 saindo
 uma das outras.
Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
 Eu sou Aninha.
 (grifos meus; CORALINA, 2008, p.37)

A primeira estrofe desse poema é marcada por este entrecruzamento na descrição das características do sujeito lírico (amorosa / menina feia) com a descrição física do lugar (ruas estreitas / curtas / ponte da Lapa). Pode-se afirmar que o sujeito lírico se define como parte integrante desse lugar.

Na segunda e terceira estrofes, há uma continuidade do discurso do “eu”, se revelando nos becos dessa cidade:

Eu sou aquela mulher
que ficou velha,
esquecida.
 nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
 contando estórias,
 fazendo adivinhação.
 Cantando teu passado.
 Cantando teu futuro.
Eu vivo nas tuas igrejas
e sobrados
e telhados
e paredes.
 (grifos meus; CORALINA, 2008, p.37)

Percebe-se um sujeito lírico integrado ao ambiente em que vive. O espaço representa a existência desse sujeito (vivo nas tuas igrejas / sobrados / telhados / paredes). Um lugar que tem muito a revelar desse sujeito que se descreve como uma mulher, velha e esquecida, a qual narra o passado e o futuro.

Paz (2012) argumenta que o poema é um ser de palavras, que vai além das palavras. Para ele, a história não esgota o sentido do poema, porém o poema não teria sentido, nem sequer existência, sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta.

Nesse sentido, o *poema Minha Cidade* representa esse ser de palavras que faz existir interligados o sujeito e sua comunidade. Um nasce do outro, um depende do outro e vice e versa. É isso que vemos no decorrer desse poema:

Eu sou aquele velho muro
verde de avencas (...)
Eu sou estas casas
encostadas
cochichando umas com as outras (...)
Eu sou o caule
dessas trepadeiras sem classe (...)
Eu sou a dureza desses morros,
revestidos (...)
Minha vida,
meus sentidos,
minha estética,
todas as vibrações
de minha sensibilidade de mulher,
têm, aqui, suas raízes.
(grifos meus; CORALINA, 2008, p.38 -39)

Ao definir-se como um velho muro, casas cochichando, caule de trepadeiras sem classe e dureza dos morros, o sujeito lírico se completa nessa relação com a comunidade em que vive. Este finaliza seu discurso poético afirmando que sua vida tem ali (na Cidade de Goiás) as raízes de sua existência. Portanto, a cidade constitui o “eu” do sujeito lírico.

Segundo Paz (2012) o poema é a expressão de uma sociedade e, simultaneamente, fundamento dessa sociedade, condição de sua existência. Sem palavra comum não há poema; sem palavra poética, tampouco há sociedade, Estado, Igreja ou comunidade alguma. Assim, pode-se afirmar que a palavra poética de Cora Coralina existe a partir da relação do seu “eu” com sua cidade de origem.

Minha Infância: relação do “eu” com suas lembranças

É um poema longo com vinte estrofes e cento e quarenta e um versos, no qual o sujeito lírico narra sua infância e a relação conflituosa com sua família, destacando a relação não afetiva com a mãe e as irmãs. Pode-se afirmar que é um poema lírico narrativo, pois apresenta um trabalho de versificação da linguagem, mas ao mesmo tempo, narra um acontecimento: a infância triste e insegura do sujeito poético.

Reis (1995) argumenta que o processo de interiorização a que os textos líricos procedem relaciona-se com a propensão egocêntrica própria do sujeito poético. Colocando-se no centro de um determinado universo, o sujeito poético tende, assim, a afirmar uma atitude acentuadamente individualista.

Essa atitude individualista e egocêntrica é visível em alguns versos do poema. As quatro primeiras estrofes apresentam versos em que o sujeito poético se apresenta como um ser inferiorizado no ambiente em que vive.

Éramos quatro as filhas de minha mãe.
 Entre elas ocupeí sempre o pior lugar. (...)
 Quando nasci, meu velho Pai agonizava,
 logo após morria,
Cresci filha sem pai (...)
Eu era triste, nervosa e feia. (...)
 Tinha medo das estórias
 que ouvia, então, contar (...)
 Tinha as pernas moles
 e os joelhos sempre machucados (...)
 (grifos meus; CORALINA, 2008, p.95)

Nas expressões “ocupeí sempre o pior lugar”, “eu era triste, nervosa e feia”, “pernas moles” e “medo das histórias”, percebe-se uma interiorização negativa do sujeito poético ao definir-se como alguém inseguro e não aceito pela família. Destaca-se também, nesses versos a palavra Pai, que ao ser grafada com letra maiúscula revela a relação afetiva e de adoração do sujeito lírico que não teve tempo de conviver com a figura paterna.

As outras estrofes do poema apresentam as lembranças do sujeito lírico sobre sua criação, as proibições e as regras que a silenciava e a fazia crescer mais nervosa e mais insegura. Bosi (1999, p.49) apresenta uma definição de *imagem-lembrança*, a qual interessa para esse estudo.

No outro extremo, a lembrança pura, quando se atualiza na *imagem-lembrança*, traz à tona da consciência um momento único, singular, não

repetido, irreversível, da vida. Daí, também, o caráter não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por via da memória. Sono e poesia são, tantas vezes, feitos dessa matéria que estaria latente nas zonas profundas do psiquismo, a que Bergson não hesitará em dar nome de ‘inconsciente’. A *imagem-lembrança* tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada.

A infância é repleta de *imagens-lembranças* do sujeito poético, pois é uma fase singular e não repetida da vida. Destacam-se os seguintes versos, nos quais é possível visualizar a criação, as proibições e a voz silenciada do sujeito lírico:

A rua... a rua!...
 (Atração lúdica, anseio vivo da criança,
 Mundo sugestivo de maravilhosas descobertas)
 - proibida às meninas do meu tempo. (...)
 Na quietude sepulcral da casa,
 Era proibida, incomodava, a fala alta, (...)
Intimidada, diminuída. Incompreendida.
Atitudes impostas, falsas, contrafeitas.
 Repreensões ferinas, humilhantes.
 E o medo de falar... (...)
 (grifos meus; CORALINA, 2008, p.97 a 99)

A imagem construída por meio das lembranças de uma infância repleta de atitudes impostas é acentuada nos versos destacados acima. A proibição de brincar na rua e de falar alto são algumas imposições que incomodava o sujeito poético. Este justifica seu medo de falar devido a essa criação rígida. Pode-se afirmar que essas *imagens-lembranças* fazem reviver na memória do eu poético um passado sombrio e triste. Bosi (1999, p.53) defende que “a lembrança é a sobrevivência do passado”. Há, portanto, nesse poema imagens que faz o sujeito poético reviver essa infância silenciada e reprimida.

A escrita autobiográfica em *Cora Coralina, quem é você?* e *Todas as vidas*

Autobiografia é considerada inicialmente como um discurso literário, para depois ser tratada em suas variadas formas de manifestação – no campo dos estudos sociológicos, no cinema, nas artes plásticas, a escrita cotidiana de diários e correspondências, a prática de blogs na Internet e, por fim, na poesia. Há, portanto, uma multiplicidade de escritas autobiográficas com suas possíveis leituras.

Philippe Lejeune, estudioso francês da escrita autobiográfica, chama de pacto autobiográfico a afirmação da identidade autor-narrador-personagem. Lejeune (2008, p.10) define o pacto autobiográfico como o “engajamento de um autor em contar diretamente sua vida (ou uma parte, ou um aspecto de sua vida) num espírito de

verdade”. Desse modo, a pessoa que enuncia o discurso deve, no caso, permitir sua identificação no interior mesmo desse discurso, e é no nome próprio que pessoa e discurso se articulam, antes de se articularem na primeira pessoa.

Em *Cora Coralina, quem é você?*, nota-se no título do poema a fusão entre a autora e o discurso poético que será construído. Trata-se de um poema longo, com 24 estrofes e 104 versos. O primeiro verso “Sou mulher como outra qualquer” acentua a construção de um sujeito poético perpassado por determinadas posições históricas – sociais, destacando a inserção desse sujeito dentro do discurso feminino.

Bakhtin (2000) defende que as situações enunciativas envolvem um diálogo, no qual o dizer de um interlocutor é constantemente perpassado pela voz do outro. Em outras palavras, tudo o que enunciamos envolve as representações imaginárias que temos em relação ao outro e as que acreditamos que o outro tem em nós.

Nos seguintes versos aparece a voz do outro, representadas pela interpelação da História sobre o sujeito poético e por práticas sociais peculiares à época:

Venho do século passado
e trago comigo todas as idades (...)
Pertencço a uma geração
ponte, entre a libertação
dos escravos e o trabalhador livre.(...)
Todo o ranço do passado era presente. (...)
Os castigos corporais.
Nas casas. Nas escolas.
Nos quartéis e nas roças.
A criança não tinha vez,
os adultos eram sádicos
aplicavam castigos humilhantes.
(grifos meus; CORALINA, 2008, p.224-225)

Ao afirmar que vem do século passado, o sujeito poético evidencia a relação com fatos históricos e a construção de sua identidade a partir da inserção em uma geração que vivenciou a libertação dos escravos e a instauração de um novo modelo econômico no país. “Castigos corporais” eram práticas peculiares à criação das crianças na época, e mais uma vez, essa lembrança incomoda a memória do sujeito poético.

Outro aspecto que incomoda o sujeito poético é a não aceitação da família com relação a sua iniciação literária. Nos seguintes versos : “ Nunca, recebi estímulos familiares para ser literata”, “Sempre houve na família, senão uma / hostilidade, pelo menos uma reserva determinada. / a essa minha tendência inata.” (CORALINA, 2008, p.227) Essa posição contrária da família é uma lembrança negativa do sujeito poético.

O sujeito poético utiliza a primeira pessoa durante toda a escrita desse poema. Hegel (2010) argumenta que o elemento subjetivo da poesia lírica revela-se mais

explicitamente quando um acontecimento ou uma situação real se oferecem ao poeta como mero pretexto para exprimir o pensamento íntimo. Esse pensamento íntimo acontece principalmente nas estrofes finais desse poema, quando o sujeito poético identifica-se com a poesia, e conseqüentemente, com a escrita autobiográfica.

Apenas a autenticidade de minha poesia arrancada aos pedaços do fundo da minha sensibilidade, e este anseio:
procuro superar todos os dias
minha própria personalidade
renovada,
despedaçando dentro de mim tudo que é velho e morto.
Luta, a palavra vibrante
Que levanta os fracos
E determina os fortes.
(grifos meus; CORALINA, 2008, p.228-229)

As expressões “autenticidade de minha poesia”, “procuro superar todos os dias / minha própria personalidade”, “velho e morto”, “luta, a palavra vibrante”, evidenciam a autorreflexão do sujeito poético com a escrita de sua poesia. Sujeito poético e poesia se identificam como uma escrita renovada e com poder de levantar os fracos e fortalecer os fortes.

Em *Todas as vidas*, há também essa relação da escrita autobiográfica com a subjetividade do sujeito poético. É um poema curto com 8 estrofes, mas com uma temática diferenciada do poema *Cora Coralina, quem é você?* Enquanto que o poema anterior faz uma visita ao passado, em *Todas as vidas* o sujeito poético apresenta uma postura de *descentramento* de sua identidade.

A questão do *descentramento* do sujeito precisa ser aqui definida. Pêcheux (1997) defende que o sujeito tem a ilusão de ser a origem e o centro do seu dizer, desconsiderando às práticas exteriores de si. Nesse sentido, o sujeito construído pela obra autobiográfica marca seu lugar não de forma isolada e única, mas sim em relação a um grande complexo de diferentes construções identitárias.

O poema em análise, *Todas as vidas*, é construído de forma que evidencia características de diferentes posições de sujeito. A cada estrofe, as identidades são reforçadas por meio de atributos e ações descritas por um sujeito poético em uma escrita de fragmentos.

Vive dentro de mim

uma cabocla velha
de mau-olhado,
 acorada ao pé do borralho. (...)

Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
 d'água e sabão. (...)

Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
 Pimenta e cebola.
Quitute benfeito. (...)

Vive dentro de mim
a mulher do povo.
 Bem proletária.
 Bem linguaruda. (...)

Vive dentro de mim
a mulher roceira.
 - Enxerto da terra,
 meio casmurra. (...)

Vive dentro de mim
a mulher da vida.
 Minha irmãzinha...
 tão desprezada. (...)

(grifos nossos; CORALINA, 2008, p.253 a 255)

Em cada estrofe aparece a imagem estereotipada de uma mulher. Primeiro a “cabocla de mau-olhado”, “a lavadeira de cheiro de sabão”, “a mulher cozinheira de quitutes benfeitos”, “a mulher do povo e linguaruda”, “a mulher roceira e casmurra” e por fim, “a mulher da vida e desprezada”. São diferentes imagens de mulheres que o sujeito poético se identifica e se autodescreve. É o que destaca Hegel (2010) ao afirmar que o pensament íntimo e subjetivo do poeta deve ser portador de um mundo interior completo.

Em *Todas as vidas*, há dentro de um sujeito poético, dentro de um “eu” identitário a representação de vários “eus” construídos por sociedade patriarcal e excludente. Pode-se afirmar que ao dizer que vive dentro de si essas diversas facetas do ser mulher, o sujeito poético interioriza a relação identitária com as várias posições de ser mulher na sociedade contemporânea. Assim, Hall (2002) argumenta que “eu sei quem ‘eu’ sou em relação com o ‘outro’”. A obra poética autobiográfica de Cora Coralina, portanto, é perpassada significativamente por um “eu” em relação com diferentes “outros”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Cora Coralina, a dimensão existencial do homem está ligada à sua própria vida. No decorrer de seus poemas autobiográficos, a poeta dialoga com seu espaço de origem, com as memórias da infância e com os vários “eus” femininos que compõem sua identidade.

É uma escrita leve e dialógica, permeada de imagens que faz com que o leitor imagine os espaços em que o sujeito poético se encontra, como o que vemos e sentimos ao ler o poema *Minha Cidade*. Em *Minha Infância*, a poeta utiliza um lirismo narrativo, com relatos de uma infância rodeada de regras e proibições, o qual faz o leitor com mais de 30 anos lembrar momentos silenciados e vividos na infância.

Os poemas *Cora Coralina, quem é você?* e *Todas as Vidas* apresentam um eu com vários “eus”, ou seja, esses poemas apresentam um sujeito lírico construindo sua identidade a partir da relação com outros sujeitos. A poesia de Cora Coralina, portanto, dialoga com o sujeito contemporâneo, o qual apresenta uma identidade fragmentada e híbrida com a presença de várias relações e várias facetas.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Emantina Galvão. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes: 2000.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DENÓFRIO, F. Darcy. **Cora Coralina**. 2. ed. São Paulo: Global, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HEGEL, Georg. **Curso de estética: o sistema das artes**. Tradução: Álvaro Ribeiro. 2ª edição. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2010.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Tradução. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte, UFMG, 2008.

PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio**. 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários.**
Coimbra, Almeida, 1995.